

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DOS *ETHÉ* DE CREDIBILIDADE NA REVISTA NOVA ESCOLA

Prof. Ms. Bruno Franceschini (DELET/Irati - ICENTRO)

RESUMO: À luz dos postulados teóricos concebidos por Michel Pêcheux (1997, 2009) acerca das teorias do discurso, bem como dos ensinamentos de Orlandi (1999), a proposta deste trabalho é discorrer sobre a construção discursiva dos *ethé* de credibilidade das edições especiais (outubro/2006 e junho/2009) da revista Nova Escola, as quais tratam da educação inclusiva. Para a compreensão teórica da noção de *ethos*, este trabalho está amparado nos estudos de Courtine (2003) e Charaudeau (2008).

PALAVRAS-CHAVE: discurso, ethos, educação inclusiva

Introdução

A temática da inclusão é um assunto que tem tido certo destaque nas produções midiáticas nos últimos anos. Sendo assim, pensando a questão da inclusão dos alunos com necessidades especiais e a relação deste sujeito com o professor no contexto escolar, inquietamo-nos com a seguinte pergunta: os professores sabem lidar com esse aluno de inclusão que tem chegado à sua sala de aula? No entanto, uma pesquisa de campo, neste momento, não é possível de ser realizada devido ao tempo e à amplitude de um trabalho desta alçada. Portanto, pensando a relação estabelecida entre o discurso, a política, a mídia e o contexto escolar inclusivo, selecionamos duas revistas das edições especiais da Nova Escola, as quais tratam da inclusão de alunos portadores de deficiência, uma vez que este periódico é caracterizado como “uma revista amiga do professor”. Nesse sentido, procuramos analisar a construção discursiva dos *ethé* de credibilidade destas duas edições que compõem o nosso *corpus* de análise e os efeitos de sentido produzidos pela articulação entre a língua, a história e a memória.

Para tanto, nos amparamos, para tratar do aspecto discursivo, em Pêcheux (1997, 2009) e em Orlandi (1999), dentre outros autores, e para configurarmos a construção discursiva dos *ethé* de credibilidade, comungamos dos preceitos postulados, em especial, de Courtine (2003) e de Charaudeau (2008).

Discurso

Na corrente teórica da Análise de Discurso de linha francesa, doravante AD, três campos do saber trabalham em conjunto: a Psicanálise, a Linguística e o Marxismo, e esses estudos trazem a noção de sujeito e de língua para dentro do discurso, em oposição àquilo que era, até então, trabalhado na corrente estruturalista. Nessa perspectiva, a AD tem por objetivo trabalhar a língua em sua materialidade, não considerando-a como algo estanque, um sistema fechado, mas a língua, o discurso em seu movimento, fazer funcionar a questão dos efeitos de sentido produzidos por ela, acrescentando a estes, a noção de sujeito.

A definição do que é discurso pensada por Pêcheux (2009, p. 81) procura opor a base linguística ao processo discursivo, porque a língua apresenta-se do mesmo modo “para aquele que dispõe de um conhecimento dado e para aquele que não dispõe desse conhecimento.” Podemos concluir que, apesar de utilizarem-se da mesma língua, do mesmo sistema lingüístico com regras e especificidades próprias, os sujeitos não possuem “o mesmo discurso: a língua se apresenta, assim, como a base comum de processos discursivos diferenciados” (*idem*).

É nesse aspecto do exterior à língua, do domínio do ideológico, é possível constatar, como assevera Pêcheux (2009 p. 82) que “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes”. Assim, É na convocação do exterior à língua que podemos observar, portanto, a articulação entre o sujeito, a língua e a história e, resultante dessa articulação, a produção de sentidos advindos destes, como assevera Orlandi (1999, p. 21): “o discurso é efeito

de sentido entre locutores”, e é por meio da materialidade da língua que o discurso constrói os objetos de que fala, no caso deste artigo, a construção discursiva do *ethé* de credibilidade da revista Nova Escola.

As posições ideológicas dos sujeitos e locais de produção dos discursos são determinantes no trabalho de descrição e de interpretação dos sentidos. A esse respeito, o conceito de formação discursiva (FD) é bastante operante. Haja em vista que, para Pêcheux, este conceito tem suas bases nos trabalhos de Althusser acerca dos aparelhos ideológicos de estado (AIEs), em que o sujeito, ao ser concebido como um sujeito ideológico, ou seja, ao ser interpelado por uma formação ideológica, “é que a instância ideológica contribui para a reprodução das relações sociais.” (BARONAS, 2007, p. 71).

Faz-se necessário, portanto, trazermos também a importância das formações ideológicas (FI) no interior e na constituição de uma formação discursiva, uma vez que uma formação ideológica é representada quando da formulação de sentido dentro de uma determinada FD, a qual assumirá, posteriormente, uma materialidade linguística. A esse respeito, Pêcheux (1997, p. 166) afirma que as FIs “Comportam, necessariamente, como um dos seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito”.

Sendo assim, as noções de FD e FI são intrínsecas no trabalho de Pêcheux, como elenca Baronas (2007, p. 72-73): a) A instância ideológica estabelece, sob a forma de uma contradição desigual no seio de aparelhos, uma combinação complexa de elementos dos quais cada um é uma FI; b) As FDs são componentes interligados das FIs; c) É no interior de uma FD que se realiza o “assujeitamento” do sujeito ideológico do discurso.

Pêcheux (2009, p. 188) afirma que a noção de formação discursiva é caracterizada, em sua relação com a ideologia, como “aquilo que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada na conjuntura social”. Dessa forma, é a partir da noção de FD que podemos pensar sobre o processo de formulação dos sentidos e das regularidades discursivas em relação à ideologia: “o estudo do discurso explicita a maneira como a linguagem e a ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca.” (ORLANDI, 1999, p. 43).

É na relação com o exterior à língua, a referência à uma determinada FD que compreendemos a historicidade dos discursos, ou seja, para o movimento de descrição e de interpretação de um discurso são convocados as condições de produção, a ideologia e o interdiscurso com vistas a operacionalizar uma memória discursiva na análise de um discurso a compreensão dos sentidos, as condições de produção desse discurso e a posição assumida pelo sujeito discursivo.

Desse modo, segundo Orlandi (1999, p. 40), as condições de produção de um discurso dizem respeito ao momento da enunciação, aos aspectos sociais, históricos e ideológicos, ou seja, “as condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a forma social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário.”, sendo que este *mecanismo imaginário* é produtor de imagens tanto dos sujeitos quanto dos objetos discursivos sobre os quais se falam.

A memória discursiva, também tratada por interdiscurso, é o que dá as condições de possibilidade, sob a forma do pré-construído, o retorno do já dito, é aquilo “que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. (ORLANDI, 1999). Assim, é no domínio do interdiscurso e do intradiscurso que ocorre a articulação dos enunciados de uma determinada formação discursiva para um sujeito enunciator, sendo esse sujeito, um sujeito interpelado por uma determinada ideologia. Conforme Orlandi (1999, p. 34) no interdiscurso, “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras”.

O sujeito tem, na concepção da AD, a ilusão de ser o início de um discurso, no entanto, “embora se realizem em nós, os sentidos apenas representam como originando-se em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade”. (ORLANDI, 1999, p. 35). Desse modo, o sujeito é subjetivado e objetivado em relação ao local social (institucional) assumido, pois é assim,

articulado à língua e à história que o sujeito é constituído, é nesse sentido, portanto, que a identidade de um sujeito é construída: na interpelação feita pela ideologia.

A noção de *ethos* e a sua importância no discurso político-midiático

Neste item, discorreremos sobre os *ethé* de credibilidade, uma vez que este conceito tem sido muito estudado nos estudos referentes, em especial, à linguagem e a argumentação do discurso político-midiático, posto que, na concepção da retórica de Aristóteles, o *ethos* atuava como a representação do caráter do locutor e o objetivo desse recurso era persuadir o interlocutor, sendo, nos estudos da AD, observado às situações de enunciação.

Os discursos sobre a inclusão estão em voga na mídia e, por consequência, nas conversas de professores, os quais têm sido chamados ao longo dos últimos anos a aprenderem sobre as deficiências e como lidar com elas em sala de aula, sendo que essa mudança na mentalidade dos professores nos faz refletir sobre os conceitos de *línguas de madeira* e *línguas de vento* propostos por Courtine (2003).

As línguas de madeira dizem respeito às formas discursivas das instâncias jurídicas e políticas, no caso em análise, as línguas de madeira referem-se às leis de inclusão propostas pelo Governo Federal, tais como: Lei n.º. 853/89, Lei n.º. 8.069/90, Lei n.º. 9.394/96 (art. 58 e 59), dentre tantas outras, as quais, no entanto, eram dificilmente aplicadas no espaço escolar. Segundo Courtine (2003), essas línguas não interpelavam mais os sujeitos por não serem confiáveis, não eram mais passíveis de credibilidade.

Assim, em oposição à língua de madeira, a mídia, no nosso caso, a revista Nova Escola, fez (e faz) uso da chamada língua de vento, ou seja, esse veículo midiático utiliza-se de uma linguagem mais próxima do contexto escolar para falar sobre a inclusão e consegue, como consequência dessa mudança, ganhar a confiança dos educadores por apresentar-se como uma imagem de credibilidade ao mostrar que é possível aplicar ao cotidiano escolar as leis e as teorias relacionadas ao ensino de pessoas com deficiência que estavam apenas no papel, distante da realidade.

Charaudeau (2008), amparado pelos estudos de Aristóteles, apresenta as divisões do *ethos* em três categorias: a) *logos* – está no âmbito da razão e, por isso, também do convencimento; b) *ethos* – está na esfera da emoção e é relacionado ao orador; c) *pathos* – assim como o *ethos*, está na esfera da emoção, no entanto, é direcionado ao auditório.

Assim, o sujeito, ao enunciar, faz uso das estratégias discursivas que compõem o *ethos*, ou seja, esse sujeito enunciador procura persuadir o auditório ao apresentar uma imagem de si e, quanto mais crível, mais próximo de alcançar o objetivo de convencer o auditório de que é “digno de fé”.

Nos estudos da AD, acredita-se que a inscrição do *ethos* ocorre no momento da enunciação, assim, ao enunciar, o sujeito mostra ao auditório os seus traços de personalidade com vistas a causar uma boa impressão, como ocorre também nos *ethé* de credibilidade e de identificação, os quais, respectivamente, em suas subdivisões, trabalham com a razão e com a emoção, no entanto, devido à limitação deste artigo, ateremo-nos somente às ocorrências dos *ethé* de credibilidade encontrados na análise do *corpus*.

Os *ethé* de credibilidade, foco deste artigo, estão amparados no discurso da razão, uma vez que o sujeito enunciador procura ganhar a confiança dos interlocutores, com vistas a obter crédito destes, ao apresentar-se como: sério, virtuoso e competente. Os *ethé* de credibilidade estão divididos em:

a) sério: a construção desse *ethos* é variável devido a concepção e a representação do que é ser sério em determinado grupo social, mas os índices verbais, corporais e comportamentais auxiliam na construção dessa imagem de seriedade, uma vez que o sujeito deve mostrar-se como alguém ora comedido, seja quando está irado, seja quando está em situações de descontração. No caso da revista Nova Escola, o *ethos* de seriedade será analisado em relação aos índices verbais apresentados, como os títulos das seções que apresentam propostas possíveis de serem postas em prática.

b) virtude: o sujeito necessita ter em mente, nesse *ethos*, que o exemplo deverá partir dele, assim, esta imagem é construída ao longo do tempo, como assevera Charaudeau (2008, p. 122), “é preciso constatar que ele sempre seguiu a mesma linha de pensamento e de ação.”. E uma característica da Nova Escola é esta: ela se mostra, não somente nas edições analisadas, como uma revista “amiga” do professor, por apresentar também as dificuldades encontradas no cotidiano escolar.

c) competência: já o *ethos* de competência é construído de modo que o sujeito expresse o seu saber e a sua habilidade. Como afirma Charaudeau (2008, p. 125) “ele deve ter conhecimento profundo do domínio particular no qual exerce a sua atividade, mas deve igualmente provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para realizar completamente seus objetivos, obtendo resultados positivos”. A Nova Escola está há mais de 20 anos em circulação, o que demonstra a competência dela ao longo desses anos todos em ser uma revista atraente ao professor, o que a mantém ativa no mercado e, no caso das edições analisadas, por ser uma revista atenta ao que se passa na esfera da educação brasileira, ela buscou, nas edições especiais, dar mais atenção à educação especial.

A composição do *ethos* compreende dois aspectos importantes, um ponto refere-se ao *ethos* pré-discursivo e o outro ao *ethos* discursivo, assim, respectivamente:

a) O pré-discursivo corresponde à imagem que o sujeito enunciador faz de seu interlocutor;

b) O discursivo, por sua vez, está relacionado à imagem que o próprio sujeito enunciador faz de si ao enunciar, no entanto, essa construção é baseada na constituição imaginária que ele produz de seu interlocutor.

Na revista Nova Escola, portanto, o *ethos* pré-discursivo é constituído pelo imaginário que se tem da profissão docente, pela caracterização do discurso pedagógico o qual procura, por meio do diálogo, da realização de atividades, do fazer junto, instruir os professores que lêem a revista acerca de como melhorarem a prática docente. Já o *ethos* discursivo diz respeito às estratégias que o próprio sujeito faz uso de modo a construir a imagem de si, a partir da imagem do interlocutor.

Desse jogo de construção do *ethos*, temos a fusão das “identidades discursiva e social” (CHARAUDEAU, 2008, p. 116), onde podemos observar os artifícios utilizados pela comunicação, como o uso de máscaras, em que o sujeito tem a possibilidade ocultar “o que ele é pelo que diz, e, ao mesmo tempo, o interpretamos como se o que ele dissesse devesse necessariamente coincidir com o que ele é”. No entanto, precisamos ter consciência de que o *ethos* não é de um todo intencional, o interlocutor pode vir a construir um *ethos* não esperado pelo sujeito enunciador, porque:

o *ethos* encontra-se no centro desse paradoxo que sustenta a filosofia contemporânea, que, mesmo sabendo que o sujeito não é *um* (Nietzsche), que ele é dividido (Lacan), que fazer como se fosse de fato *um todo*. (CHARAUDEAU, 2008, p. 116)

A esse respeito, Maingueneau e Charaudeau (2004, p. 176) referem-se à doxa como “a um conjunto de representações socialmente predominantes, cuja verdade é incerta, tomadas, mais freqüentemente, na sua formulação lingüística corrente”, e, em especial, para Charaudeau (2008, p. 118), as representações sociais são de grande importância para constituição do *ethos*, posto que o sujeito está inserido em uma determinada realidade sócio-histórica e não é possível que ele possa vir a ter contato com outras representações, com outros “imaginários sociodiscursivos”, porque, “o *ethos* é bem o resultado de uma encenação sociolinguageira que depende dos julgamentos cruzados que os indivíduos de um grupo social fazem uns dos outros ao agirem e ao falarem.”.

Assim, ao analisarmos o *ethos*, podemos observar a produção de sentidos na linguagem, sendo que a produção desses sentidos é o resultado de um jogo de máscaras, fruto da interação entre dois sujeitos e das imagens que eles constroem de si e do outro, como comenta Charaudeau (2008, p. 8) “cada um é para o outro apenas uma imagem”, e esse jogo tem no

discurso político o seu local por excelência, porque os sujeitos participantes, os atores políticos, constroem, ao utilizarem-se da máscara, a sua identidade em relação ao adversário e “há sempre o que é dito e o que não o é, um não-dito que, entretanto, também se diz” (*idem*).

Movimento descrição-interpretação dos discursos

Para análise do arquivo, adotamos como instrumento os preceitos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa formulada por Pêcheux, bem como os estudos, em especial, de Courtine (2003) e de Charaudeau (2008) a respeito do discurso político e da construção discursiva do *ethos*. Com base nesse instrumental teórico e metodológico, procuramos compreender:

- 1) a rede de formulações envolvida na constituição discursiva dos *ethé* de credibilidade da revista Nova Escola;
- 2) o modo de construção dos *ethé* de credibilidade nas políticas de seção;
- 3) as estratégias utilizadas pela revista para a fixação dos *ethé* e os efeitos produzidos por essa fixação.

Desse modo, procuramos, nesta análise, descrever e interpretar as materialidades discursivas presentes em nosso *corpus*, o qual é constituído por duas edições especiais da revista Nova Escola (outubro/ 2006 e junho/2009) que tratam da temática da educação especial, das quais selecionamos, como foco de análise, os títulos das seções (reportagens) com o objetivo geral de compreendermos o funcionamento do conceito dos *ethé* de credibilidade nesse objeto. Analisaremos as edições, em um primeiro momento separadamente, para, posteriormente, no item de conclusão, vincularmos as duas edições.

A respeito da edição de 2006, por ser a primeira edição especial que trata da educação especial, a revista traz como primeiros pontos de reportagem um panorama sobre a situação da inclusão no Brasil e das leis que regem o ensino inclusivo:

INCLUSÃO NO BRASIL

Caminhos da inclusão no Brasil

Ainda falta um longo percurso para construir uma sociedade que respeite as diferenças

POLÍTICAS PÚBLICAS

As leis sobre diversidade

Conheça a legislação para garantir que mais estudantes passem a frequentar classes regulares

Deste modo, podemos observar, sob o aspecto discursivo, a presença de uma memória discursiva que fala da intolerância quanto às diferenças, no caso, as deficiências físicas e/ou mentais que segregam os sujeitos frequentadores do espaço escolar, uma vez que sabemos da falta de preparo de grande parte dos professores devido ao fato de que os governantes não atentavam (e alguns continuam não atentando) aos assuntos relacionados à inclusão educacional, como apresentado pelo item que trata das políticas públicas.

O sujeito que fala neste enunciado o faz de uma determinada formação discursiva, a qual está inscrita numa formação ideológica dada que possibilita o que ele está autorizado ou não a dizer. Neste sentido, o enunciador (a revista Nova Escola) está inscrita numa formação discursiva escolar em que ocorre o atravessamento de uma formação ideológica que fala sobre a inclusão, como comenta Orlandi (1999, p. 43): “as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos são sempre determinados ideologicamente.”.

A respeito das políticas públicas, retomamos o que fora expresso anteriormente sobre as línguas de madeira e as línguas de vento (COURTINE, 2003). Os documentos oficiais, as leis que regulamentam a educação ainda são, infelizmente, um tanto quanto distantes da sala de aula, uma vez que isso pode ser observado devido à falta de informação sobre as deficiências e como agir perante elas, tornando-as como línguas de madeira para os professores. E é neste

ponto que a revista Nova Escola apresenta-se como uma língua de vento para os professores, porque esta traz, de forma simples e objetiva o que as leis expressam.

Estes dois itens trabalhados apresentam discursivamente os *ethé* de competência e de seriedade, uma vez que a revista inicia apresentando o cenário da educação inclusiva e possíveis caminhos para alcançá-lo em conjunto com o discurso jurídico. Ou seja, a revista está amparada por dados concretos e objetivos sobre aquilo que falará, ela tem discernimento da realidade e do que pode ser feito neste momento, o que contribui, nesta construção discursiva para a garantia dos *ethé* de seriedade e de competência, como assevera Charaudeau (2008, p. 119): “a credibilidade repousa sobre um *poder fazer*, e mostrar-se crível é mostrar ou apresentar a prova de que se tem esse poder.”.

Na sequência da análise, a revista traz uma entrevista que trata da união entre uma mãe de aluno com deficiência física e da escola e como esse trabalho em conjunto foi benéfico ao aluno:

ENTREVISTA - TRABALHO DE EQUIPE

Família e escola juntas na inclusão

A parceria entre mãe e professora modificou a aprendizagem de um aluno com paralisia cerebral

Os sentidos passíveis de serem apreendidos deste discurso corroboram a temática da revista: como realizar o trabalho com a inclusão, e como pode funcionar e obter bons resultados a partir desse trabalho. No entanto, o não-dito também fala neste recorte, uma vez que “o posto (o dito) traz consigo necessariamente esse pressuposto (não dito, mas presente)” (ORLANDI, 1999, p. 82). O não-dito, para este discurso, está relacionado ao fato de que as escolas e a família ainda não estão, por vezes, trabalhando em conjunto, e a revista vem ressaltar essa necessidade, construindo discursivamente os *ethé* de virtuoso e de seriedade.

O *ethos* de virtuoso é característico das edições da revista Nova Escola, uma vez que esta sempre traz planos de aula, relatos de experiência de professores, entre outros discursos que procuram atestar, porque “dizer não é suficiente para ser ou mesmo para aparecer” (CHARAUDEAU, 2008, p 124), ou seja, a revista além de dizer, traz o discurso de professores de modo a comprovar aquilo que ela enuncia, com o objetivo de construir o seu *ethos* de virtude, bem como o de seriedade por apresentar a realidade.

A seguir, a revista traz cinco reportagens com o título abrangente de “fundamentos” e, em cada reportagem, apresenta um direcionamento específico, a saber: deficiência visual, deficiência mental, deficiência física, deficiência auditiva e deficiência múltipla.

FUNDAMENTOS - DEFICIÊNCIA VISUAL

Deficiência visual: o mundo pelo toque

Estimular o tato e a audição é essencial para que cegos relacionem-se com os colegas

FUNDAMENTOS - DEFICIÊNCIA MENTAL

Os avanços de um aluno com deficiência intelectual

Comparar não é o melhor meio de perceber os vários ritmos e jeitos de os jovens se desenvolverem

FUNDAMENTOS - DEFICIÊNCIA FÍSICA

A inclusão de crianças com deficiência física

Equipamentos adaptados ajudam a vencer as dificuldades para se movimentar e escrever

FUNDAMENTOS - DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Música e dança ajudam a incluir deficientes auditivos

A língua brasileira de sinais e a oralização permitem que surdos sigam as aulas juntos dos ouvintes

FUNDAMENTOS - DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

A aprendizagem de crianças com deficiências múltiplas
 Quem não enxerga e não ouve ou quem tem deficiência física e mental prova que é possível avançar

Em cada especificidade das deficiências abordadas, a revista dizeres do campo médico e do campo científico sobre como proceder, uma vez que, como afirma Orlandi (1999, p. 36):

é assim que as palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas mas, ao mesmo tempo, sempre outras.

Quanto aos *ethé* construídos, a revista, nesta seção intitulada como “Fundamentos”, consegue configurar os *ethé* de sério, de competência e de virtude ao trazer nos discursos elementos que indicam o saber fazer. Em cada um dos subtítulos, o discurso apresentado é de como se trabalhar com a deficiência em questão, seja pela estimulação do tato e da audição, do cuidado com a comparação, da importância de equipamentos no auxílio do desenvolvimento motor, o uso da LIBRAS em sala de aula e o relato de que mesmo com mais de uma deficiência, é possível aprender. Como assegura Charaudeau (2008, p. 119), a respeito dos veículos midiáticos, o sujeito discursivo, para adquirir credibilidade, deve “transmitir uma informação clara, não truncada e, sobretudo, aceita como tal por um público que espera que o acontecimento reportado seja autêntico e que a explicação dada seja honesta (condição de transparência).”

Por fim, a edição de 2006 traz duas reportagens que evocam os *ethé* de sério e de competência:

INCLUSÃO SOCIAL E PROFISSIONAL

Educadores como você

Cinco jovens que venceram os problemas impostos por diferentes deficiências dão lição de otimismo

GESTÃO - PLANEJAMENTO

Escola Inclusiva

Infográfico mostra a arquitetura e o mobiliário de uma escola inclusiva

O locutor procura ganhar o crédito do interlocutor ao chamá-lo por meio da comparação *educadores como você*, uma vez que a revista é direcionada à professores, ocorre a restrição desse chamamento. Como discorre Charaudeau (2008, p. 121): “uma escolha de palavras e de construções simples, apropriadas, uma elocução continuamente serena”. Ou seja, a Nova Escola procura, por meio da identificação surgida a partir do relato de outros educadores, construir o seu *ethos* de sério. Bem como o de competência, porque, uma vez que a revista objetiva ensinar os professores a trabalhar com alunos de inclusão, nada mais apropriado do que trazer ex-alunos de inclusão, hoje professores, para relatar as experiências. A revista “deve igualmente provar que tem os meios, o poder e a experiência necessários para realizar completamente seus objetivos, obtendo resultados positivos.” (*idem*, p. 125). Além de expor aos professores como a escola deve gerir o espaço orientando-os acerca dos móveis e das adaptações necessários às necessidades dos alunos.

A edição de junho de 2009 segue o mesmo caminho que a edição de outubro de 2006, uma vez que os três primeiros itens são semelhantes aos apresentados na edição anterior, exceto pela divisão reformulada, na qual estão agrupados na seção “Fundamentos”:

FUNDAMENTOS - HISTÓRIA E TENDÊNCIAS

A inclusão que ensina

Veja três exclusivos online que mostram a história de Matheus:

1 - *As experiências na escola*

2 - *O aprendizado das emoções*

3 - *Como foi possível controlar o tamanho da letra ao escrever*

Veja também:

- *Íntegra das principais leis sobre a Educação para crianças com necessidades educacionais especiais*

- *Programas do MEC sobre inclusão de crianças com deficiência*

FUNDAMENTOS - DEFICIÊNCIAS E SÍNDROMES*Os fundamentos das deficiências e síndromes*

Conhecer o que afeta o seu aluno é o primeiro passo para criar estratégias que garantam a aprendizagem

FUNDAMENTOS - AVALIAÇÃO E DIAGNÓSTICO*Saberes e atitudes de alunos com deficiência*

Os pequenos com deficiência sabem muitas coisas. Às vezes, até mais que os colegas

LEITURA*Literatura, prática e teoria*

Uma seleção de livros que abordam temáticas relacionadas a deficiências com orientação para o trabalho do professor em sala de aula

LEGISLAÇÃO*As leis sobre a diversidade*

Conheça a legislação sobre esse assunto e saiba como a escola deve segui-la para oferecer uma educação inclusiva

INCLUSÃO NO BRASIL*Inclusão promove a justiça*

Entrevista com a educadora Maria Teresa Eglér Mantoan sobre as características de escola e do professor inclusivos

Neste primeiro agrupamento, o ponto “História e tendências” apresenta-se como uma retomada da entrevista “Trabalho em equipe”, bem como das matérias sobre as políticas públicas e a situação da inclusão no Brasil, sem, no entanto, retomar esses discursos. Ou seja, na visada discursiva, podemos observar “duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente”, conforme comenta Orlandi (1999, p. 36).

Além desse primeiro tópico, as reportagens “Deficiências e Síndromes” e “Avaliação e Diagnóstico” corroboram a seção “Fundamentos” da edição de 2006. É nessa caminhada que a revista Nova Escola reforça os seus *ethé* de credibilidade na cenografia discursiva, uma vez que ela indica os caminhos teóricos – indicações de leitura – bem como os práticos – relatos de experiência. Sendo assim, a revista mostra-se ao leitor como uma revista séria, competente e virtuosa naquilo que tange aos assuntos educacionais, como afirma Charaudeau (2008, p. 115): o *ethos* relaciona-se ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê.

Na continuidade, o próximo item tem como título “Flexibilização” e trata de cinco temas: inclusão na prática, espaço, tempo, recursos e conteúdos. Por *flexibilização* na temática da inclusão escolar - na concepção de que “os sentidos são sempre determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja.” (ORLANDI, 1999, p.43) - compreendemos esse vocábulo como um chamado aos professores a submeterem-se às mudanças ocorridas nesta instituição, a olhar e a pensar sobre esse assunto com mais atenção, a começar pelo trajeto formulado pela revista:

FLEXIBILIZAÇÃO - INCLUSÃO NA PRÁTICA*Inclusão pede flexibilização*

Levar cada um a aprender exige abertura para diferenciar tanto o programa como as práticas

FLEXIBILIZAÇÃO - ESPAÇO*Uma escola sem barreiras*

Com criatividade e o envolvimento da equipe, medidas simples podem facilitar o acesso e a inclusão de todos

FLEXIBILIZAÇÃO - TEMPO*Com ou sem inclusão, cada um no seu ritmo*

Respeitar a evolução de todos os estudantes é fundamental para garantir o avanço deles nas diversas áreas

FLEXIBILIZAÇÃO - RECURSOS*O uso de materiais flexibilizados em sala de aula*

Além de acessíveis, novos recursos tornam as atividades mais atraentes para a classe inteira

FLEXIBILIZAÇÃO - CONTEÚDOS*Tema igual, aula diferente*

O assunto é o mesmo para todos, mas você deve buscar maneiras de torná-lo mais compreensível para quem precisa

GESTÃO DO ESPAÇO*Segurança e autonomia para os estudantes*

Uma ilustração com detalhes da arquitetura e do mobiliário de uma escola inclusiva, apta a receber alunos com ou sem deficiência

Assim, as condições de emergência desse discurso permitiram que o regime de enunciabilidade apresentasse, num primeiro plano, em acordo com a temática “flexibilização”, o que é a “inclusão na prática”, como o professor pode se organizar para lidar com os alunos que tem chegado à sua sala de aula. Já o segundo e terceiro pontos sugerem ao professor modos de como ele pode gerir o tempo e o espaço da sala de aula, bem como da escola, das atividades pedagógicas. Quanto aos recursos e aos conteúdos, a sequenciação indica ao professor possíveis recursos a serem utilizados em sala de aula e, embasado nesses recursos, o professor *deve buscar maneiras de torná-lo mais compreensível para quem precisa*. Por fim, a reportagem *Gestão do espaço* aparece em consonância com a *Flexibilização – Espaço*, uma vez que a reportagem sobre a flexibilização procura falar sobre como tornar a acessibilidade menos complicada, a primeira traz informações a respeito do mobiliário inclusivo.

Assim, mais uma vez os *ethé* de credibilidade são reforçados ao analisarmos os enunciados que acompanham os títulos das reportagens. O *ethos* de sério e de competência são reforçados pelo fato de que a revista apresenta caminhos possíveis de serem tomados, como estudar as deficiências de modo a compreender o nível de desenvolvimento de cada uma delas, o diálogo com a equipe pedagógica, o aprendizado de como trabalhar com os novos recursos e o gerenciamento do espaço. Vale lembrar que no *ethos* pré-discursivo e discursivo a imagem que o enunciador faz do interlocutor é de grande importância à estruturação dos *ethé*.

Na continuidade, são apresentadas matérias cuja temática assemelha-se ao que fora veiculado na edição de 2006:

ARTIGO - INTERAÇÃO*Família, criança e escola: um trio afinado*

A família, que mais conhece a história da criança, é essencial na relação com a escola e o atendimento especializado

CLASSES HOSPITALARESO ensino nas horas difíceis

O ensinamento e o preparo psicológico necessário para lidar com família, médico e escola de crianças internadas

INCLUSÃO SOCIAL E PROFISSIONALEducadores como você

Conheça histórias de pessoas com deficiência que venceram o preconceito e se tornaram educadores

Nesse movimento discursivo, observamos, portanto, o funcionamento de uma memória discursiva, de um interdiscurso que agencia o já-dito como um jamais dito, de modo que essa retomada, assim como nos recortes mostrados até agora acabam por reforçar os *ethé* de credibilidade da revista, ao mostrar *um poder fazer*.

O próximo tema trabalho tem como assunto o “Atendimento especializado” e as divisões de acordo com a deficiência apresentada: física, mental, auditiva e intelectual, assim como veiculado na seção “Fundamentos”, da edição de 2006:

ATENDIMENTO ESPECIALIZADO - DEFICIÊNCIA FÍSICASem obstáculos para o saber

Saiba como pais e professores auxiliam crianças com deficiência física a frequentar a escola e participar de todas as atividades

ATENDIMENTO ESPECIALIZADO - DEFICIÊNCIA MENTALFormas criativas para estimular a mente de deficientes intelectuais

O professor deve entender as dificuldades dos estudantes com limitações de raciocínio e desenvolver formas interessantes para auxiliá-los

ATENDIMENTO ESPECIALIZADO - DEFICIÊNCIA AUDITIVAOs alunos que falam com as mãos

Levar os surdos para a sala regular exige nova postura do professor, principalmente para lidar com o intérprete

ATENDIMENTO ESPECIALIZADO - DEFICIÊNCIA INTELECTUALCada aluno tem o seu próprio tempo de aprendizado

Conheça histórias de crianças com deficiência intelectual que aprendem tudo a seu ritmo, graças ao apoio de pais e professores

PLANOS DE AULA

Deficiência auditiva, Deficiência múltipla, Deficiência visual

Deficiência física, Deficiência intelectual

Desse modo, a revista, inscrita numa formação ideológica escolar, enuncia de um local constituído sócio-historicamente de onde esse local é determinante sobre aquilo que esse sujeito enuncia, como afirma Orlandi (1999, p. 52), a respeito do sujeito e do assujeitamento: *o fato de que ele é produto histórico, efeito de discurso que sofre as determinações dos modos de assujeitamento das diferentes formas-sujeito na sua historicidade e em relação às diferentes formas de poder, ou seja, o que esse sujeito enuncia não poderia ser dito de outro modo.*

Na mesma perspectiva da edição anterior, está edição procura reforçar os *ethé* de credibilidade da revista por não utilizar-se de frases de efeito quando da indicação de como proceder nos trabalhos respeitando os limites e conhecendo cada deficiência em sala de aula, o que produz, como efeito de sentido, a imagem de uma revista digna de crédito, porque ela apresenta a realidade ao inserir os relatos de experiências que deram certo, como em: *Saiba como pais e professores auxiliam crianças com deficiências físicas a frequentar a escola e participar de todas as atividades.* E também como lidar com as dificuldade de se ter um intérprete em sala de aula, no caso do *Atendimento especializado – Deficiência auditiva.*

Considerações finais

À guisa de conclusão, pretendemos, neste artigo, discorrer sobre a construção discursiva dos *ethé* de credibilidade construídos nas edições especiais da revista Nova Escola, as quais tratavam dos aspectos da educação especial e da inclusão.

Desse modo, pudemos concluir, com base nos objetivos propostos que:

1) Sob o aspecto discursivo, a revista Nova Escola está inscrita numa formação ideológica a qual concerne à ideologia escolar, posto que os discursos produzidos pelas edições em análise nos possibilitaram realizar esse gesto de descrição e de interpretação, uma vez que “a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido”, conforme nos ensina Orlandi (1999, p. 48).

2) Os *ethé* de credibilidade estão pautados tanto nos aspectos pré-discursivos, bem como nos discursivos da cenografia discursiva, a qual está determinada pela posição ocupada pela revista. Como reitera Charaudeau (2008, p. 136), a respeito da construção dos *ethé*: *o ethos de credibilidade é, ao mesmo tempo, um construto e um atributo, ou, mais precisamente, uma construção sobre um atributo. É um construto em virtude da maneira pela qual o sujeito encena sua identidade discursiva*. Desse modo, amparada pelo local institucional de onde fala, a revista está autorizada a produzir a imagem de séria, competente e virtuosa sem que isso soe como inverossímil, porque em suas reportagens ela mostra o que acontece e como proceder no trato com as deficiências em sala de aula.

3) As estratégias utilizadas para a fixação dos *ethé* ocorre na retomada empreendida pelo interdiscurso na edição de 2009, quando a edição traz, sob uma nova roupagem, materialidades lingüísticas semelhantes àquelas apresentadas em 2006.

Cabe ressaltar que não pretendemos, neste momento, emitir um juízo de verdade acerca daquilo que é veiculado pela revista Nova Escola. Buscamos, neste artigo, esquadrihar um gesto de leitura sobre um assunto que tem estado em destaque na mídia nos últimos anos e que diz respeito a nós, professores.

REFERENCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de Estado*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- AMOSSY, Ruth. (org) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BARONAS, Roberto. O conceito de formação discursiva. In: BARONAS, R. L. (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2007
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- COURTINE, Jean Jacques. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- _____, Os delizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2009
- REVISTA NOVA ESCOLA, Acesso em 10 de março de 2011. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-especiais/011.shtml>.
- _____, Acesso em 10 de março de 2011. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes-especiais/026.shtml>
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. 4. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- _____, *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2 ed. São Paulo: Pontes, 1997.